

MULTILETRAMENTOS E ENSINO DE LÍNGUAS

Samuel Rodrigues dos Santos¹

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Resumo:

Este trabalho expõe algumas considerações teóricas acerca das semioses utilizadas atualmente pela mídia impressa e, também, reflexões sobre os conhecimentos necessários aos docentes para que a escola forme cidadãos ético-críticos, levantando algumas questões tais como multiletramentos, multimodalidade, gêneros textuais e análise crítica do discurso midiático. A gramática visual elaborada por Kress e Van Leeuwen (1996) é abordada, sendo apresentada como uma alternativa interessante para a análise da influência das imagens.

Palavras-chave: multiletramentos, ensino de línguas, imagens.

Abstract:

This paper present some theoretical considerations concerning the semiotics used today by the printed press and also reflects on the knowledge that teachers need to have in order that schools can form ethical and critical citizens. It also raises some questions about multiple literacies, multimodality, genres and critical discourse analysis of the media. The visual grammar elaborated by Kress and van Leeuwen (1996) is discussed in order to understand how we can go beyond the mere lexical description of images.

Key-words: multiple literacies, language teaching, images.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT) – Uberaba – MG. Orientado pelo Prof. Dr. Acir Mário Karwoski.

I. Introdução

Jornais, revistas, panfletos e livros atualmente apresentam uma complexa inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos, além disso, esses elementos se combinam pelo desenho da página, por intermédio do *layout*. A habilidade de produzir textos nesse formato, apesar da sua importância, não é ensinada na escola. Dessa maneira, a educação passa a produzir “analfabetos visuais”, como denominam Kress e Van Leeuwen (1996), que saem da escola sem dominar esse novo campo visual.

Com respeito a essa necessidade de dominação de um novo campo visual as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 29) comentam que a escola que pretende promover a inclusão e a diversidade não pode apenas abordar o letramento da letra, mas deve, também, englobar os múltiplos letramentos que envolvem uma enorme variação de mídias e se constroem de forma multissemiótica e híbrida, como por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, em vídeos, filmes, entre outros.

As novas mídias tornaram as imagens mais acessíveis e mais difundidas e Berger (1972, p. 7) nos chama a atenção para a importância do material imagético:

As imagens antecedem as palavras. A criança sabe observar e reconhecer antes de aprender a falar. Mas há outro motivo pelo qual a *visão* vem antes da *fala*. São as imagens que estabelecem nosso lugar no mundo. Nós o explicamos por meio de palavras, mas estas jamais poderão desfazer o fato de que vivemos

cercados por imagens. A relação entre o que vemos e o que sabemos nunca será estabelecida.

O predomínio de imagens na mídia atual tem influenciado um novo conceito de letramento que permite o acesso às habilidades visuais, amplia as possibilidades pedagógicas e promove o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos no sentido de exercitar a reflexão sobre o construto ideológico desenvolvido através da composição de estruturas semióticas visuais. O letramento visual transforma uma percepção generalizada das imagens enquanto meios de entretenimento sem significado ideológico (ALMEIDA, 2009).

Por meio das tecnologias de mídia e meios de comunicação expressos, como a internet, e-mails, imagens digitais, entre vários outros, o alunado é apresentado, desde a infância, a formas de representação e comunicação que frequentemente nos remetem ao fato de que os alunos dos dias atuais têm percepções diferentes dos que nasceram em um mundo onde predominavam os meios impressos (ALMEIDA, 2009).

Diante deste novo tipo de alunado, os professores, muitas vezes, apresentam algumas dificuldades em conduzi-los à aprendizagem. Como conquistar alunos que nasceram na era da informação transmitida por meios verbais e não verbais? Quais os conhecimentos necessários ao professor para que a sua prática docente continue eficaz nessa nova conjuntura digital onde a imagem tem conquistado cada vez mais espaço? Este trabalho foi motivado por essas questões e tem como objetivo fazer um levantamento dos estudos realizados sobre letramentos múltiplos, além de abordar aspectos dos gêneros textuais, como a hibridização, o contexto,

entre outros. Esse objeto de estudo se justifica por contribuir para que professores já formados e ainda em formação possam refletir sobre essa problemática e tenham condições de desenvolver metodologias de ensino que levem a uma prática de letramento que contribua para a independência dos cidadãos, proporcionando aos mesmos a oportunidade de exercer seu papel na sociedade de forma crítica.

2. Gramática visual

Kress e Van Leeuwen (1996) propõem um padrão de descrição estética das imagens, partindo do pressuposto de que os elementos internos são combinados entre si para comunicar um “todo coerente” e, dessa forma, expressar significados distintos. Desse ponto de vista, podemos dizer que é possível visualizar estruturas gramaticais em imagens, uma vez que elas codificam interpretações de realidade e relações sociointeracionais.

Como esses autores defendem, o campo da comunicação visual, com o passar do tempo, se desenvolveu de forma mais expressiva do que o da linguagem; a cultura global da mídia tem exercido um caráter normalizador para a leitura e produção de imagens, o que gera ferramentas com maior precisão para a análise destas. O uso de imagens pelas diversas mídias tem crescido perceptivelmente, como podemos notar nas figuras 1 e 2.

A figura 1 retrata uma edição da década de 1920 do jornal *Folha da Noite*, que mais tarde veio a dar lugar à *Folha de S. Paulo*. Como se percebe, o uso de imagens é inexistente nessa edição, já o oposto ocorre na figura 2, uma edição recente da *Folha de S. Paulo*.

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408



Figura 1



Figura 2

Pode-se perceber, com esses dois exemplos, que em pouco menos de um século a imagem se tornou um recurso frequente na mídia. O resultado dessa evolução é o estímulo do interesse do leitor em ler o texto. Na figura 2 vemos na imagem em destaque um jogador da seleção brasileira fazendo um grande esforço para dominar a bola. No país do futebol essa imagem se constituiu como um atrativo para os leitores interessados em futebol, além de gerar no leitor a emoção de assistir uma partida da seleção brasileira.

Sendo assim, os autores supracitados defendem que a compreensão da imagem dos jogadores presentes na figura 2, bem como de qualquer imagem utilizada na mídia, deve ocorrer levando-se em conta que a mesma é um código de significação composto por estruturas sintáticas próprias e dotada de significado potencial, e não como veículo neutro desligado de seu contexto social e cultural.

Por meio da gramática visual elaborada por Kress e Van Leeuwen, podemos ir além da mera descrição do que os linguistas denominam de “léxico” das imagens. Transpomos a camada “denotativa” e “conotativa” do vocabulário de uma dada representação visual, observamos a inter-relação estabelecida entre a gramática da linguagem e a da imagem. A análise de uma imagem ultrapassa a mera descrição dos dados em nível microcontextual em termos de suas metafunções visuais, atinge também, a esfera macrocontextual, ou seja, seus significados socioculturais (ALMEIDA, 2009).

A análise visual proposta por esses teóricos parte do padrão de que imagens reproduzem mais do que estruturas da realidade, elas interagem com os interesses das instituições sociais que as produzem, as fazem circular e as leem, contribuindo com o conceito de que são ideológicas. Da mesma forma que o código semiótico da linguagem, o código das imagens representa o mundo, estabelece relações sociointeracionais, e constitui relações de significado levando em conta o papel desempenhado por seus elementos internos (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 45).

3. Gêneros textuais

Os gêneros textuais dizem respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas, segundo Marcuschi (2008). O autor questiona: “Por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como o fazem?”. Há aí ações de ordem comunicativa e estratégias convencionais para atingir determinados objetivos. Por exemplo, uma monografia é utilizada para se obter uma nota ao final de um curso superior, uma

publicidade é para promover a venda de um produto ou para convencer alguém de algo, e então entra em foco a questão dos propósitos comunicativos, pois cada gênero textual tem um propósito muito claro que o determina.

Marcuschi (2008) nos diz que gêneros textuais são textos materializados em situações comunicativas recorrentes. São os textos concretizados que encontramos em nosso dia-a-dia e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos, enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Expressam-se em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. O mesmo autor nos fornece alguns exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, e-mail, bate-papo por computador, aulas virtuais entre outros.

Para o referido teórico, é importante que não se conceba gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas sim como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem. Nessa perspectiva, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas.

Os gêneros não são classificados de forma pura e não são catalogados de maneira rígida. Estão relacionados com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional (MARCUSCHI, 2008).

Os gêneros podem se derivar de outros gêneros, como é o caso dos *chats* que surgiram como uma forma de conversação por meios eletrônicos, ou os *blogs*, que vierem a existir a partir dos diários de bordo. Também pode ocorrer o fenômeno da hibridização, ou seja, a confluência de dois gêneros, que é um fato muito corriqueiro no nosso dia a dia quando passamos de um gênero a outro ou até inserimos um no outro, seja ele falado ou escrito (MARCUSCHI, 2005, p. 25).

No que tange aos gêneros, também é importante levar em conta o contexto em que eles se inserem. Rajagopalan (2001) bem exemplifica a importância do contexto social, político e cultural ao nos dar o exemplo de um jovem casal numa tarde de verão em Paris, em um restaurante badalado localizado na avenida parisiense mais famosa. Esse mesmo casal se diverte numa mesa ao ar livre na calçada, “jogando conversa fora” e degustando um bife mal passado – ou “sangrando”, como preferem os franceses – regado por um copo de vinho tinto, como manda a gastronomia local. Ainda, para acompanhar o bife, uma porção de batata frita à moda francesa. Uma descrição mais óbvia do acontecimento seria dizer que estava em curso um encontro de namorados que aproveitavam a ocasião para saciar seu apetite e adicionar uma bela dose de descontração com o auxílio do vinho.

Ao analisar o relato sobre o casal francês, Barthes (1982 apud RAJAGOPALAN, 2001) nos informa que devemos levar em conta outros fatores para podermos fazer uma leitura mais exata do que está acontecendo. Por exemplo, o momento histórico. No caso, o encontro do casal tem como pano de fundo a malsucedida aventura francesa na Argélia e as frequentes notícias do fracasso das tropas francesas naquele país. Em consequência da repercussão negativa na

imprensa mundial, e da percepção por parte dos próprios franceses de que se tratava de uma batalha perdida e injustificável, o orgulho nacional francês se encontra grandemente abalado. Num contexto político como esse, Barthes (1982 apud RAJAGOPALAN, 2001) explica que o acontecimento deve ser entendido não como um simples encontro de pessoas que se amam, mas como ato de auto-afirmação por parte do jovem casal, uma forma de se mostrar patriota, por meio do seu gesto.

É interessante notarmos que para fazer essa leitura passando da gastronomia para o patriotismo, é preciso que o observador saiba o valor simbólico que o vinho e a batata têm no imaginário francês. Como diz Barthes (1982 apud RAJAGOPALAN, 2001) em sua obra *Mitologias*, “o vinho é sentido pela nação francesa como um bem que lhe pertence com exclusividade, tal como as suas trezentas e sessenta espécies de queijo e a sua cultura”. Daí se percebe o valor do contexto cultural.

A interpretação de um texto está, de certa forma, sempre relacionada com o entendimento das condições do contexto social (FAIRCLOUGH, 1989 apud MOTTA-ROTH, 2008). Nessas condições quando se aprende os gêneros que estruturam uma dada cultura, o alunado se encontra em condições de aprender maneiras de participar nas ações de uma dada comunidade (MILLER, 1989, p. 165 apud MOTTA-ROTH, 2008).

Por isso Motta-Roth (2008) crê que as discussões em sala de aula devem focar os gêneros textuais ou as práticas linguageiras em associação e ações que ocorrem na sociedade. Apenas a prática pedagógica nesse formato contribui para o surgimento da consciência crítica com relação aos aspectos contextuais e textuais do uso da

linguagem tanto no professor como no aluno, propiciando também o desenvolvimento das competências linguísticas e discursivas.

4. Multiletramentos

Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998, p. 72 apud ROJO, 2009, p. 96).

As abordagens mais recentes dos letramentos têm apontado para a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e o uso da língua/linguagem em geral em sociedades letradas e tem insistido no caráter sociocultural e situado das práticas de letramento (ROJO, 2009, p. 102). Esta noção, como aponta Street (2003 apud ROJO, 2009, p. 102), resulta no reconhecimento dos múltiplos letramentos que podem variar no tempo e espaço, além de serem contestados nas relações de poder. Os novos estudos de letramentos não apresentam nenhuma garantia em relação aos letramentos e às práticas sociais com que se associam. Através desses estudos é problematizado aquilo que conta como letramento em qualquer tempo ou espaço e é questionado quais letramentos são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência.

Com isso, o conceito de letramento passa a ser plural: letramentos. Os letramentos podem ser classificados em dominantes e locais. No entanto, não são vistos como categorias independentes ou radicalmente separadas. Os dominantes são vistos como aqueles que ocorrem em situações formais tais como a escola, as igrejas, o local de trabalho. Esses preveem agentes (professores, autores de

livros didáticos, pesquisadores) que são valorizados legal e culturalmente. Já os letramentos locais não são controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais. Têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Por isso muitas vezes são desvalorizados pela cultura oficial (ROJO, 2009, p. 102).

Como afirmam Moita-Lopes & Rojo (2004 apud ROJO, 2009), é preciso atentar para o fato de que a linguagem não acontece em um vácuo social e que textos orais e escritos têm o seu sentido construído por interlocutores localizados no mundo social. Assim sendo, é possível que situemos os discursos. O que nos possibilita aprender a problematizar o discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que desrespeitem a diferença.

As múltiplas exigências que o mundo contemporâneo impõe à escola vão multiplicar grandemente as práticas e textos que nela circulam e são abordados. Será importante a ampliação e democratização tanto das práticas e eventos de letramentos que têm lugar na escola como do universo e da natureza dos textos que nela se encontram (ROJO, 2009, p. 108).

5. Considerações finais

Esse artigo discutiu as mudanças que estão ocorrendo nas mídias que circundam o nosso cotidiano, levando em conta as multissemioses empregadas para a transmissão de informação, principalmente a representada pelo uso das imagens. Vimos que as imagens são códigos de significação com estruturas sintáticas dotadas de significado potencial, e não apenas meros enfeites desligadas de seu contexto social, político e cultural (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996). Ficamos a par da necessidade de dominar o método de análise

de imagens proposto por Kress e Van Leeuwen, para que possamos evitar o analfabetismo visual.

Ficou clara a necessidade de uma formação continuada para que professores possam dominar novos modos de significação e dar enfoque, durante suas aulas, às práticas linguageiras que ocorrem na sociedade, o que resultará na consciência crítica dos alunos no que tange aos aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem (MOTTA-ROTH, 2008).

Assim, será cumprido um dos papéis da escola, o de tornar possível que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida diária de forma crítica e democrática. Mas, esse papel deve ser cumprido sem desrespeitar e ignorar os letramentos das culturas locais, colocando-os em contato com os letramentos valorizados (ROJO, 2009).

Observamos que não basta apenas estar ciente de que mudanças ocorrem na mídia globalizada e que isso tem levado muitos à ignorância e à reprodução de costumes e valores impostos pelo neocolonialismo, antes é preciso um engajamento social da classe docente para que os padrões de ensino que enfocam apenas os letramentos dominantes não continuem sendo reproduzidos sem uma reflexão ético-crítica, pois a ausência da reflexão pode desprestigiar os letramentos culturais e locais.

Referências

ALMEIDA, D. B. L. Do Texto às imagens: As novas fronteiras do Letramento Visual. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCCA, Pilar (Orgs). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 173-202.

BERGER, J. *Ways of seeing*. London: Penguin, 1972.

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2006.

KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of the Visual Design*. New York: Routledge, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.

MOTTA-ROTH, D. *Questões de metodologia em análise de gêneros*. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 133-150.

RAJAGOPALAN, K. *Sobre a instabilidade de gêneros*. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, 2001, Fortaleza, CE. *Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN*. Fortaleza, CE: UFC, 2001. v. 26. p. 187-189.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.